



FÉ, UMA REALIDADE DESAFIADORA

Um sermão sobre a parábola do juiz e da viúva de Lucas 18.1-8

Rev. Paulo Severino da Silva Filho

INTRODUÇÃO

“Quando vier o Filho do homem, achará, porventura, fé na terra?” Esta é a pergunta do final do texto (v. 8b). Uma pergunta desafiadora. A respeito da fé. Fé é uma realidade desafiadora. Um grande desafio. A ponto de Jesus dizer: Será que o Filho do homem, quando voltar, vai encontrar sobre a terra corações crentes?

O desafio da fé não é exatamente intelectual, mas prático. Não se trata primordialmente de aceitação e compreensão de verdades teológicas, embora a fé delas se componha, mas de vivência da fé. Difícil não é crer em termos intelectuais: a fé é profundamente razoável, inteligente, simples, satisfatória em suas proposições. Nada tem de absurdo, nada de inacessível. Nada jamais se construiu de mais lógico e sensato no campo religioso do que a teologia cristã. Ela nos diz que há um Deus, bom e poderoso, que nos criou, que nos ama, que nos quer em sua comunhão, e que em sua Palavra nos mostra como fazer para entrar e permanecer em sua comunhão. Não é difícil aceitar e entender isso intelectualmente. Difícil é crer em termos existenciais. É colocar a fé em prática. É viver da fé, das verdades da fé. Como nos ensina a fazer a viúva da parábola.

EXPLICAÇÃO

A parábola que Jesus conta tem dois personagens principais: um juiz e uma viúva.

O juiz é um homem que não teme a Deus nem respeita nenhum dos seus próximos (vv. 2 e 4). É insensível, egoísta, caprichoso. Faz ouvidos moucos aos clamores da mulher. Quando resolve atender ao pleito da viúva, só o faz para não ser incomodado ainda mais por ela. O juiz não tinha um pingote de compaixão, nem qualquer consciência de seu dever profissional.

A viúva é uma mulher sem ninguém por ela, que tem de se virar sozinha. É duplamente injustiçada, por pessoas más: um adversário que quer o que pertence a ela, e um juiz iníquo, que não se importa com sua causa. Mas ela não desiste, não abre mão de sua causa, não perde a fé numa solução que lhe fosse favorável. Ela se faz modelo para nós. Ela nos ensina a vencer o desafio grande e difícil da fé em termos práticos, existenciais, vivenciais.

I) FÉ É CONFIANÇA NA INTERVENÇÃO DIVINA EM NOSSO FAVOR, FAZENDO-NOS JUSTIÇA

Fé é uma realidade desafiadora porque a injustiça no mundo é muito grande, muito disseminada. Basta recordar eventos do século XX, o mais mortífero da história da humanidade: duas guerras mundiais, o holocausto, os milhões de mortos do comunismo, as tiranias latino-americanas, africanas e islâmicas, a violência urbana tão próxima de nós... Diante de tanta maldade que há no mundo, somos tentados a achar que Deus não se importa, não se interessa, nos deixa à própria sorte. Principalmente se as respostas às nossas orações não estão vindo na hora e do jeito como queremos. Somos tentados a achar que Deus é, por isso mesmo, injusto.

Mas Deus não é injusto. Ele não é como o juiz da parábola. O juiz da parábola era injusto. Como injustos são os homens que promovem a guerra e a violência sem causa. Deus, não. Deus é o exato oposto do juiz da parábola. Deus é justo, bom, misericordioso, favorável a nós, seus eleitos, seu povo. Em seu poder, não conhece obstáculos. Em seu amor, cuida, socorre, justifica, ou seja, salva – que fazer justiça é, biblicamente falando, salvar.

A pergunta do v. 7 é retórica. Sua resposta, óbvia: claro que sim. A lição aqui é que, se até o juiz iníquo é capaz de, por um motivo ou por outro, atender, muito mais Deus, que é bom, que ouve e responde às orações.

A viúva é exemplar porque em nenhum momento deixou de acreditar na justiça de sua reivindicação, mesmo sendo o juiz a quem apelava um homem que não estava nem aí para ela. Muito mais razão temos nós para crer e confiar no atendimento de nossas petições, porque não apelamos a um juiz iníquo, mas a um Deus bom e misericordioso, que faz justiça aos seus escolhidos, promovendo seu livramento, seu bem, sua salvação.

II) FÉ É EXERCITADA NA ORAÇÃO PERSEVERANTE

Fé é uma realidade desafiadora porque Deus parece, muitas vezes, demorar. E muitos cansam de esperar. E desanimam. E desistem. E há os que chegam a tentar outros caminhos, apelando a outros deuses, e até a demônios, em sua impaciência.

Temos dificuldade em perseverar, no que quer que seja: casamento, estudos, trabalho, fé. Começar é muito fácil, continuar é que são elas! Por isso o evangelista fala acertadamente, na introdução da história (v. 1), do dever de orar sempre e nunca esmorecer. Pois é essa a nossa tendência – esmorecer, desanimar, desistir.

Mas a fé se exercita na oração perseverante. Deus fará justiça aos seus escolhidos que a ele *clamam dia e noite...* (v. 7). Isto não significa ficar fazendo longas orações, multiplicando discursos, repetindo palavras indefinidamente, como se Deus precisasse ser vencido pelo cansaço ou convencido a agir em nosso favor pela força de nossos argumentos. Isto significa manter firme o propósito do nosso coração, pelo qual oramos. Equivale mais ou menos à atitude de Jacó em luta com Deus, na figura de um ser misterioso, no vau do Jaboque: “Não te deixarei ir (ou não te largo), enquanto não me abençoares” (Gn 32.22-32).

É o que faz a viúva. Ela persiste, persevera. É exemplo para nós. Que apelamos a um Deus que é Pai amoroso, não juiz iníquo. Um Deus que não falha nem tarda. O ditado diz: A justiça tarda, mas não falha. É o que se vê na parábola. Mas Deus não falha, nem sequer tarda. *Depressa* lhes fará justiça, diz o texto. A demora de sua intervenção é apenas aparente. Ela abre um tempo de exercício de fé para os crentes, que assim podem crescer e amadurecer espiritualmente, assim como abre um tempo de oportunidade de arrependimento para os injustos como o juiz da parábola, que também precisam do favor de Deus. Que cremos que virá. E que aguardamos em oração. Não somente em nossa devoção individual, mas sobretudo no culto da comunidade cristã. Pois o culto é a oração por excelência da Igreja, que ela realiza há dois mil anos, por toda a parte, sem cessar nem se cansar, perseverando na fé. Quem acusa a Igreja de orar pouco não se dá conta disso, de que a Igreja ora incessantemente, incansavelmente, todos os domingos, em toda parte.

Fé se expressa e se exercita na oração – o que equivale a dizer: não só em secreto, na solidão do quarto, mas também na comunhão dos santos, no culto. Quem se interessa por viver uma vida de oração interessa-se pelo culto, valoriza-o, tem-no como insubstituível, participa sempre dele. Pois fé não se vive apenas na solidão, nem em grupos à parte, mas na comunhão dos santos. E a expressão maior da comunhão dos santos se dá em seu encontro com Deus no culto. Que a Igreja realiza continuamente. Com perseverança. Pois é a sua oração.

III) FÉ É ATÉ A VINDA DO FILHO DO HOMEM

Talvez este seja o aspecto mais desafiador da fé, hoje. Em que o Senhor espera encontrar fé sobre a terra? Sobretudo, na sua vinda. Depois de dois mil anos, será que a Igreja ainda espera a volta do Senhor? Quantos ainda crêem nisso? Parece que o Senhor não vem mais. Mas esta é uma marca distintiva da fé cristã, a espera da parusia, do retorno do Senhor em glória, para julgar os vivos e os mortos, para trazer a plenitude da salvação e do Reino de Deus. Não se é Igreja sem esta fé e esta esperança.

Maranata – Vem, Senhor – é a primeira e principal oração da comunidade cristã. Quando celebramos a eucaristia, é “até que ele venha” que o fazemos.

Em meio às lutas e sofrimentos, às aflições e dificuldades, aos temporais e estios da vida, clamamos como o salmista: “Até quando, Senhor?” E a resposta cristã é: Até que volte o bom Senhor, consumando a nossa esperança. Não podemos perder isso de vista, sob pena de perdermos o foco, o alvo de nossa existência cristã. Isto não significa que esperamos de braços cruzados. Nossa espera é ativa, dinâmica. Esperamos lutando pela justiça, pela paz, pela verdade, pelo bem de todos. Com que nos haveríamos de ocupar neste

mundo e nesta vida? Mas não nos iludimos com os poderosos, nem pensando que serão providências humanas a estabelecer o Reino de Deus. Nem nos enganando com utopias terrenas. Nem limitando nossa esperança apenas a este mundo e esta vida.

A fé é uma realidade orientada para o futuro, aberta ao porvir. E o futuro depende de Deus, única e exclusivamente, do seu amor e da sua justiça salvadora dos que lhe pertencem.

A viúva persevera até o fim, até ter sua causa atendida. Assim também nós precisamos perseverar até o fim na fé de que o Senhor vai voltar. Lembremos as palavras do Evangelho: “Aquele que perseverar até o fim, esse será salvo” (Mc 13.13); nelas está implícito: só aquele que perseverar até o fim será salvo.

CONCLUSÃO

Deus é justo. Fará justiça aos seus escolhidos, que a ele clamam dia e noite, e depressa. Cremos nisso.

Nosso estar na casa de Deus todos os domingos participando do culto é demonstração visível dessa fé: é expressão de nossa confiança no Deus que intervém em nosso favor, para nos salvar; é exercício de oração perseverante; é renovação de nossa esperança na volta do Senhor.

O verdadeiro e maior anseio da Igreja é este: a consumação de sua salvação, a plena realização da justiça, a solução de todos os seus problemas, na volta do Senhor. Isto é o que parece demorar, e até quem sabe, para alguns, algo que nem vai mais acontecer. Importa não desistir de crer e esperar por essa vinda, não deixar de perseverar.

Quando o Filho do homem vier, que ele encontre fé sobre a terra, em sua Igreja, em seus eleitos, em cada um de nós.

Rev. Dr. Paulo Severino

*O autor é pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil, professor do Seminário Simonton, onde exerce as funções de coordenador do Departamento de Teologia Exegética e do Curso de Bacharel em Teologia, e doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Para falar com o autor, envie um email para: gloriapaulo@easyline.com.br



Endereço: Rua Joaquina Rosa, 199 - Méier - Rio de Janeiro - RJ - Cep. 20.710-080 - Brasil
E-mail: secretaria@seminariosimonton.com | **Site:** www.seminariosimonton.com
Telefone: (21) 2201 6734 | **Fax:** (21) 2581 6958